

## GT63: Pesquisas sociais no mundo dos psicoativos

Roca Alencar, Regina de Paula Medeiros

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-teóricos-éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

### **Narrativas sobre a "maconha medicinal": experiências a partir de um coletivo canábico**

**Autoria:** Rebeca Sophia Lima Azeredo

Este trabalho tem como objetivo principal descrever o papel desempenhado pela sociedade civil no Brasil com relação à utilização da maconha para fins terapêuticos. Através da observação das atividades realizadas por um coletivo canábico, proponho demonstrar como se dá o auxílio a pacientes e familiares/responsáveis para acessarem esse tipo de tratamento. O grupo em questão conta com uma rede de apoio médica, jurídica e técnica de cultivo que tem como finalidade amparar pessoas que buscam esse tipo de tratamento para diversas doenças e patologias, como Parkinson, autismo, Alzheimer, câncer, ansiedade, depressão, entre outras. A metodologia utilizada nesta pesquisa é baseada na observação participante que venho realizando junto ao coletivo. Participo voluntariamente enquanto colaboradora na organização e no suporte das atividades de atendimento e acompanhamento médico do coletivo e conseqüentemente no auxílio às demandas burocráticas e jurídicas que surgem a partir disso para utilização da cannabis. A participação ativa enquanto colaboradora me permite estabelecer interlocução tanto com a equipe, como com os próprios pacientes e familiares/responsáveis, construindo relações afetivas e de confiança com os atores do campo. Isso me garante a circulação por espaços de construção de saberes médicos, jurídicos e populares, campos de disputa, interação e acolhimento. Dessa maneira, tenho como objetivo principal observar a busca pelo acesso à maconha como via de tratamento, através de um coletivo pautado no apoio a pacientes e familiares. Durante a minha pesquisa, procuro colocar em primeiro plano esses indivíduos e suas estratégias de acesso, explicitando a relação entre questões morais, de saúde e de justiça, além de categorias acionadas durante este percurso.

[Trabalho completo](#)

## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

